

**TOPONÍMIA CAPIXABA:
ESTUDOS DOS NOMES DE MUNICÍPIOS CAPIXABAS
DE ORIGEM TUPI¹¹⁰**

Filipe Siqueira Fermino (UFES)
skiterufes@yahoo.com.br

Catarina Vaz Rodrigues (UFES)
catvr@teracom.com.br

RESUMO

A toponímia capixaba é um estudo sobre os nomes de municípios do Espírito Santo de origem etimológica tupi que permaneceram na geografia capixaba. O trabalho passa pela identificação dos topônimos tupis, análise da formação lexical, processo de tradução do tupi para o português, para subsidiar a análise histórica dos municípios sob a colonização lusitana e o entendimento do processo de nomeação como forma de colonizar e descolonizar. Com base na obra de Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional* (1901), os dicionários de tupi-português de Luis Caldas Tibiriçá (1984), Constantino Tastevin (1922), Oberdan Masucci (1978), e autores capixabas que analisam a história do Espírito Santo, dos povos indígenas capixabas e a toponímia capixaba.

Palavras-chave: Toponímia. Capixaba. Tupi. Etimologia.

1. Considerações iniciais

Este artigo faz parte do trabalho de conclusão de curso de licenciatura em língua portuguesa e literatura de língua portuguesa da UFES, apresentado no 1º semestre de 2011 pelo autor Filipe Siqueira Fermino sob a orientação da Profa. Dra. Catarina Vaz Rodrigues. Consiste basicamente da parte B do 3º capítulo do TCC, que trata da análise de dados dos nomes de municípios do Espírito Santo que possuem origem etimológica tupi.

Com base em um estudo prévio da estrutura morfológica e gramatical da língua tupi, que pode ser consultado no artigo “O Tronco Tupi e as suas Famílias de Línguas. Classificação e Esboço Tipológico” de Wolf Dietrich (NOLL; DIETRICH, 2010, p. 9-26); nas instruções iniciais do *Curso de Tupi Antigo*, de Eduardo Navarro (1998); nas informações so-

¹¹⁰ Uma versão deste texto foi apresentada oralmente na VIII Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, no dia 5 de novembro de 2013, mas não foi publicada nos anais daquele evento.

bre a estrutura fonética tupi de Luis Caldas Tibiriçá, no capítulo “O Alfabeto e a Pronúncia” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 15-32); e no capítulo “Da Interpretação dos Nomes Tupis com Emprego na Geografia e na História Nacional”, da obra *O Tupi na Geografia Nacional*, de Teodoro Sampaio (1901, p. 88-93). Dentre esses conceitos, as regras de aglutinação e de justaposição para a formação de palavras foi muito utilizada para analisar os topônimos de origem lexical tupi.

Os topônimos são, segundo Zara, “expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente; (...) estudo da motivação dos nomes próprios dos lugares” (ZARA *apud* AGUILERA, 2006, p. 129). A partir desse conceito é possível buscar os nomes que as populações indígenas, pré-existentes à chegada do colonizador português, designaram para esses topos, e analisarmos os nomes próprios que resultaram nos municípios a serem estudados.

Esta etapa de nossa pesquisa consiste na seleção de topônimos e análise comparativa de bibliografias. Optou-se por trabalhar exclusivamente com os nomes de municípios do Espírito Santo que possuam alguma possível origem etimológica com o tupi. É necessário salientar que todos os topônimos escolhidos devem ser reconhecidos enquanto hipóteses, e que somente após um estudo sobre a história dos municípios e a composição lexical dos topônimos é que se poderia provar sua relação com a língua tupi.

A metodologia da análise de topônimos dessa etapa da pesquisa é através de um estudo comparado entre uma obra de referência e distintos dicionários. Começamos pela importante obra que trata de topônimos capixabas, o livro *Topônimos e Epônimos Capixabas* de J. W. Emery de Carvalho (1999).

Nessa obra, que é uma publicação do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo, o autor concentra-se em apresentar hipóteses de tradução para topônimos do Espírito Santo a partir de conhecimentos linguísticos sobre tupi e sobre história do Espírito Santo. Este livro foi tomado como paradigma desta pesquisa.

Dessa publicação, selecionamos os topônimos dos municípios capixabas de origem tupi e comparamos os itens lexicais formadores (BASÍLIO, 2007) sugeridos por Carvalho com quatro dicionários tupi-português. São eles: a parte de dicionário do livro *O Tupi na Geografia Nacional*, de Teodoro Sampaio (1901 e 1987); o *Dicionário Tupi-Português* de Luis Caldas Tibiriçá (1984); o *Dicionário de Tupi-Português* e

vice-versa de Oberdan Masucci (1978); e a obra *Nome de Plantas e Animais em Língua Tupi* escrito pelo padre Constantino Tastevin (1922).

Voltando a detalhar as obras que foram trabalhadas, temos o trecho de dicionário da obra de Teodoro Sampaio: *O Tupi na Geografia Nacional* (1ª ed. 1901e 5ª ed. 1987). Leitura indispensável para todas as discussões no assunto e que obviamente foi utilizado pelo professor Emery de Carvalho.

Outro livro utilizado foi o *Dicionário Tupi-Português* de Luis Caldas Tibiriçá (1984). Também obra clássica, visto que este estudioso dos assuntos americanistas preocupou-se em distinguir a língua tupi da língua guarani, elaborando até dicionários distintos para cada uma das línguas.

O *Dicionário de Tupi-Português e Vice-Versa* de Oberdan Masucci (1978) é, também, obra de referência que possui um dicionário de topônimos e uma seção de português-tupi exclusiva.

A última bibliografia utilizada foi *Nome de Plantas e Animais em Língua Tupi*, escrito pelo padre Constantino Tastevin (1922) que foi utilizada na análise e confirmação de termos relacionados à fauna e flora.

2. Estudos dos nomes de municípios capixabas de origem tupi

No projeto de pesquisa *Toponímia Capixaba*, havia uma lista de 26 topônimos (sendo que Itapemirim se repetia) dentre os 78 municípios de nosso Estado. São eles: *Apiacá, Aracruz, Baixo Guandu, Brejetuba, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica, Ecoporanga, Guaçuí, Guarapari, Ibatiba, Ibiracú, Ibitirama, Iconha, Irupi, Itaguaçu, Itapemirim, Itarana, Iúna, Jaguaré, Marataízes, Mucurici, Muqui, Piúma, Santa Maria de Jetibá, São Roque do Canaã e Sooretama*. Sobre o município de Anchieta, temos que realizar a inclusão do topônimo *Reritiba*, pois esse foi o nome da aldeia dirigida pelo jesuíta que hoje dá o seu nome à cidade.

A análise inicial do livro do prof. Carvalho nos fez descartar o topônimo *guandu*, de Baixo Guandu, pois nesse livro o autor se refere a esse topônimo como “termo de origem africana introduzido na língua tupi no século XVIII para designar a ervilha e o próprio guandu (ervilha d’Angola).” (CARVALHO, 1999, p. 21). Não sendo esse termo de origem etimológica tupi, não constando nos dicionários selecionados, devia,

portanto, estar fora da lista desta pesquisa.¹¹¹

Outros dois topônimos que não foram encontrados no livro de Carvalho são Santa Maria de *Jetibá* e São Roque do *Canaã*. Entretanto há a possibilidade da motivação de *Jetibá* tenha relação com a árvore do tipo *Jatobá*, sendo a primeira uma variação da segunda. Da mesma forma *canaã*, não foi encontrado no livro de Carvalho e nos outros dicionários, a não ser no do padre Tastevin na forma “*camahã* – arbusto de grelo avermelhado, utilizado para curar a inflação dos olhos; *pseudina frutescens*” (TASTEVIN, 1922, p. 702). A hipótese mais provável é que *Canaã* se refira à terra prometida aos hebreus, segundo as histórias bíblicas. Estes dois topônimos permanecem no campo das hipóteses a serem descartadas, visto que poucas foram as comprovações relacionadas com sua etimologia tupi.

Partindo finalmente para os topônimos em estudo, serão listados aqui os topônimos da região sul do Espírito Santo, onde a colonização é mais antiga e nas regiões em que ocorreram aldeamentos, exceto Aracruz. A análise baseou-se na consulta a dicionários tupi-português e documentos históricos diversos que justificassem sua tradução ou possível relação etimológica.



2.1. Apicá

Para esse topônimo, Emery de Carvalho sugere como aglutinação mais provável o item lexical *apya* que significa *homem*, *varão*, com o item *caa* que significa *mato*, isto é *apicá* seria *homem do mato*. Outra tradução possível é que esse topônimo seja uma alteração de *epiaca*, que é uma contração de *epiacaba*, significando *vista*, *paisagem*, *panorama*

¹¹¹ Se a palavra entrou no português através do tupi, trata-se de um tupinismo, independentemente de sua proveniência anterior, porque, neste caso, teria sido o tupi que nos emprestou a palavra. [NE]

(CARVALHO, 1999, p. 19).

No livro de Sampaio, encontra-se o item *apiá* como contração de *apiaba* que significa *o homem, o macho dos animais*. Na forma de adjetivo *a-piá* pode significar *manchado, pintado, marcado*. Na forma substantiva *apiab* pode significar *cabeça arredondada, a glande, o castão* (BATISTA CAETANO *apud* SAMPAIO, 1901, p. 110). Se essas segundas e terceiras formas, que foram consultadas em Caetano, são prováveis que sejam relativas ao guarani, língua a qual Caetano pesquisou. Quanto ao item lexical *caá*, Sampaio propõe traduções como *a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral*; e ainda *a árvore, o mato, o monte, o mate*. Sampaio explica também que *caá* sofre alteração em muitos radicais para *cá* (*Idem*, p. 117).

Oberdan Masucci resume sua tradução ao apresentar *apiaba* como *macho* (MASUCCI, 1978, p. 15) e *caá* como *mato, planta* (*Idem*, p. 19), concordando assim, com Sampaio.

Tibiricá apresenta em seu livro uma alternativa de tradução distinta dos outros dicionários, na qual *apiacá* pode ser entendida como uma *espécie de vespa*, segundo Geraldo Cunha; e que essa seria uma forma contrata de *japiúcaba*. Esse autor ainda relata que *Apiacá* é o nome de uma nação tupi que ocupa os rios Arinos, Tapajós e Jurema e o nome do dialeto dessas tribos (TIBIRICÁ, 1984, p. 62). Em Tibiricá ainda encontra-se o item *apyaba* que significa *varão, homem, macho* (p. 63). E o item *caá* que pode significar “*mato, folha, erva, vegetal (fruto no dialeto maué)*” (p. 75).

Dadas essas informações, pode-se perceber que Carvalho se utilizou das anotações de Sampaio para alcançar o significado de *apia, homem*, e aglutinou seu significado com o complemento *caá* no sentido de *mato*. Dessa forma, tem-se que admitir que a tradução de *apiacá* como *homem do mato* é válida se *apia* for uma forma contrata de *apiaba* e *cá* uma forma contrata de *caá*, apesar de Sampaio afirmar que isso ocorre quando o *caá* é radical, por exemplo em *caeté*, na qual *caá* + *eté* significa *ca mata verdadeira ou real, mato virgem* (SAMPAIO, 1901, p. 117).

Devido a essa observação, é necessário considerar a chave semântica *espécie de vespa*, que Tibiricá nos oferece baseado nos estudos de Geraldo Cunha, apesar de Sampaio apresentar em seu livro que *caba* significa *vespa, marimondo* e que pode ser sufixo de muitos vocábulos compostos (SAMPAIO, 1901, p. 117) e por isso coloca-nos em dúvida quanto ao termo mais adequado para *vespa*. Para concluir, é necessário

ressaltar que *homem do mato* parece ser uma tradução possível para *api-acá*, apesar de outras fontes nos levarem a considerar a hipótese *espécie de vespa*.



2.2. Brejetuba

De acordo com o autor de *Topônimos e Epônimos Capixabas* (1999), *brejetuba* tem origem no termo *ybyrayá-yba* que significa *árvore de madeira rija*, espécie de “palmeira de cuja madeira se serviam os índios para fazer os seus arcos”. A outra tradução seria *bosque das brejaúvas* ou *lugar onde há muitas brejaúvas* (CARVALHO, 1999, p. 13).

No livro *O Tupi na Geografia Nacional* (1901), foi encontrado o termo *ibiraparaíba* sendo que sua forma em tupi é *ybyra-apara-yba* – que significa *árvore de pau-de-arco*, de cuja madeira os índios faziam seus arcos. Alteração de *Ubiraparaíba* (SAMPAIO, 191, p. 129). Ainda nesse livro temos o termo *tyba* como sufixo que dá ideia de coletivo, do qual “a má pronúncia do *y* desdobrou em *tiba* ou *tuba*” (*Idem*, p. 28) que pode auxiliar no sentido de *brejetuba*.

No *Dicionário Tupi Português com Esboço de Gramática de Tupi Antigo* (1984) de Tibiriçá há o termo *ybyraitá* para a tradução *madeira muito rija*, também denominada *pau-ferro* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 193). Há também o termo *ybyraparaíba* que o autor traduz como *árvore de que os índios faziam suas flechas* (*Idem*, p. 193). Tibiriçá apresenta ainda o termo *tyba* como sufixo abundancial (*Idem*, p. 184).

No *Dicionário Tupi-Português e Vice-Versa* (1978) de Masucci encontra-se apenas o termo *ibira* que significa *árvore, madeira* (MASUCCI, 1978, p. 28). Em Tastevin, não foi encontrado nenhum termo correspondente a *brejetuba*.

Considerando essa consulta, a forma primitiva proposta por Carvalho para *brejetuba* como *ybyrayá-yba* e sua tradução como *árvore de*

madeira rija não corresponde aos termos encontrados nos dicionários. Em nenhum deles houve correspondência para *ybyrayá* e não se sabe a que significado esse termo corresponde. Quanto à *yba*, sabe-se a partir dos dicionários pesquisados que é relativo a *fruto, o que nasce da árvore* (SAMPAIO, 1901, p. 128). Os resultados obtidos em Sampaio e Tibiriçá quanto à *árvore de madeira rija* não correspondem a *brejetuba*.

A outra chave semântica que Carvalho sugere de *brejetuba* como *bosque das brejaúvas* ou *lugar onde há muitas brejaúvas*, pode ser uma pista na busca da origem desse topônimo. Primeiro, porque designa *bosque* ou *lugar onde há muito*, que se justificaria pela presença do sufixo *tuba*. E segundo, porque *brejaúva* é uma planta (*Astrocaryum aculeatisimum*) que produz um fruto do tipo coco, conforme a imagem abaixo:



Ainda é necessário descobrir qual termo representa em tupi o nome *brejaúva* e se esse município realmente possui esse tipo de planta de forma que justifique tal denominação. De qualquer maneira, acredita-se dessa forma estar no caminho certo na busca das motivações para o topônimo *brejetuba* e sua origem etimológica.



2.3. Cariacica

Para esse topônimo, Carvalho afirma que sua aglutinação ocorre a

partir dos itens lexicais *acari-assyca* que significaria *pedaço de acari* (um tipo de peixe de água doce), onde *acari* é *peixe* e *assyca* é *pedaço*, em tupi (CARVALHO, 1999, p. 25).

Em consulta ao dicionário de Teodoro Sampaio (1901), encontramos *acará* como *nome de peixes fluviais*, e *acari* como um *peixe de água doce, vulgo cará* (SAMPAIO, 1901, p. 107-108). Há ainda o termo *carahy* que significa *espécie de símio*. O termo *carijó*, uma alteração de *cari-yó*, é *descendente dos carahyba* que tem o mesmo significado que *cariboca*, que significa *descendente do branco, do europeu* (*Idem*, p. 120).

Em Tibiriçá, encontra-se o item lexical *cari* que significa

termo de composição que no tupi arcaico designa *o estrangeiro*; do aruaque, *cari, homem, varão*; de onde *cari-aiaba*, que alterou-se para *car-aiaba*, na acepção de *estrangeiro mau, ruim*, para designar o europeu invasor (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 83).

O termo *assyca*, em Tibiriçá, aparece como *pedaço, cortado, maneta* (*Idem*, p. 69). *Acará* como *peixe da família do Ciclídeos* (*Idem*, p. 50). Por fim, há o verbo *syca*, que significa *chegar*, e o termo *sycaba* significa *chegada*. (*Idem*, p. 174).

Em Masucci, encontra-se o item *acica* com o significado *cortado, maneta* (MASUCCI, 1978, p. 12). Em Tastevin, o item *acari* aparece com o significado *peixe cascudo dos rios* e variação da grafia *wacari*. *Acari* aparece como *macaco de cara vermelha* ou mesmo *outra qualidade de macaco maior*, de cara preta e rabo muito curto, da beira do Japurá. *Acará* como *nome de vários peixinhos meio achatados*, que no Solimões são bem conhecidos (TASTEVIN, 1922, p. 690).

Baseado nessa análise dos itens lexicais que podem compor o topônimo *Cariacica*, observa-se que há fundamentação nos dicionários para a hipótese de Carvalho, *pedaço de acari*, apesar deste estudo não estar resolvido com essa chave semântica. Há ainda a possibilidade de *Cariacica* ter outra configuração de aglutinação como em *carijá-syca*, que poderia significar *chegada do homem branco*, ocorrendo uma variação semelhante a que ocorreu em *carioca*, que provém de *carijó-oca*.

É muito cedo, porém para se declarar qualquer tradução definitiva. É prudente deixar as traduções do topônimo *Cariacica* em suspenso, para novos estudos e teses que se debruçam e tentem resolver esse impasse.



2.4. Guaçuí

Carvalho apresenta esse topônimo a partir dos itens lexicais *guaçu* + *y* e sua tradução literal *rio dos veados*. Recordando o que já foi estudado com Teodoro Sampaio, esse autor vai dizer que *suassú* é alteração de *soó-guaçu* que significa *animal grande, a caça mais avultada, o veado ou o cervo*, também se encontra escrito *suaçu, guaçu, sussú, assú* (SAMPAIO, 1901, p. 150). Ainda em Sampaio, vamos encontrar para o item *y* no sentido de *a água, o líquido, o rio, a corrente* (*Idem*, p. 158).

Avançando na análise, no livro de Tibiriçá o termo *suaçu* tem como sua tradução *veado*, mas o autor dirá também que esse vem de *soó-açu* que significa *bicho grande* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 173). O item lexical *y*, para Tibiriçá, pode ser traduzido como *água, rio* (*Idem*, p. 190).

No livro de Masucci encontra-se o termo *guaçu* como “*grande; como sufixo de verbos e adjetivos, significa muitos*” (MASUCCI, 1978, p. 26) e que também pode se apresentar como *Oçu* e *Uçu*. Temos também o termo *çuaçu* que significa *veado* (*Idem*, p. 18). Por fim, para o item lexical *i*, o autor vai dar a tradução *água* (*Idem*, p. 27).

Em Tastevin, encontra-se o termo *suasu* que para esse autor significa *veado* (TASTEVIN, 1922, p. 733).

Portanto, deve-se auxiliar no esclarecimento de algumas dúvidas que essas hipóteses não explicam: o topônimo *Guaçuí* vem da aglutinação *guaçu* + *y* como bem responde Carvalho. Mas sua tradução como *Rio dos Veados* deve ser muito bem pensada antes de uma decisão definitiva. Afinal, quando estudamos *Ibiraçu* pudemos verificar que tanto o item lexical *açu* como *guaçu* podem designar *grande, gigante*. Então, não se pode aceitar facilmente o termo *guaçu* para designar *veado*, apesar

de nos parecer a hipótese mais provável.

Primeiramente, deve-se comprovar que nesse caso o item lexical *guaçu* cumpre papel de substantivo, conforme critério estabelecido no dicionário de Sampaio para que signifique *veado*.

Topônimos como *Pirai* (*Pirai* + *Y* = *peixe* + *rio*, *rio dos peixes*), *Paranavaí* (*Paranaguá* + *Y* = *Enseada do Mar* + *Rio*, *Rio da Enseada do Mar*) compõem uma formação de sintagma nominal composto de um designativo e um nome principal < *Pirai* + *Y* > no qual *Pirai* cumpre papel de complemento do segundo termo.

Se inverter o topônimo atual em estudo tem-se *Iguaçu*, sendo nesse caso a tradução possível como *Y* – *rio* e *guaçu* – *grande*, *rio grande* (TIBIRIÇÁ, p. 190). Nessa hipótese, não cabe a acepção de *veado*, pois *guaçu* se apresenta como um adjetivo de *Y*. Sendo assim, em *Guaçuí*, o termo *guaçu* se apresenta como complemento nominal de *y* que é o nome principal. Todos os dicionários concordaram que *y* ou *i* em composição significa *água* ou *rio*, a questão que se impõe aqui é quanto ao termo *guaçu* como *veado*.

Sampaio diz que *guaçu* é falado no sul do Brasil como *suaçu*, e que sua origem etimológica é *çoo-açu*, que significa *caça grande*. Tibiriçá vai usar apenas *suaçu* para *veado*, e ressalta que *soó-açu* é *bicho grande*. Masucci diz que *guassú* é *grande* e *çuaçu* é *veado*. E finalmente para Tastevin *suasú* também significa *veado*.

Pode-se entender que *guaçu* ou *suaçu* designam *veado*, mas é apenas a sua forma moderna do Tupi, pois o termo *suaçu* é uma variação do tupi antigo *çoo-açu* que significa *caça grande*. É óbvio que *veado* é uma *caça grande*, e não há contradição em chamá-lo assim em tupi. Porém o uso constante de *soó-açu* para designar o *veado* pode ter adquirido um sentido próprio como nome desse animal.

Portanto, considerando apenas o estudo comparado dos dicionários, é possível considerar válida a tradução apresentada pelo prof. Carvalho como *Rio dos Veados*. Entretanto, é preciso ressaltar que será necessário um estudo mais detalhado sobre a ocupação do território capixaba e sobre a colonização do solo espírito-santense para chegarmos a conclusões mais satisfatórias.



2.5. Guarapari

Para esse topônimo, Carvalho vincula sua tradução com os itens lexicais primários *Guará-pari* sendo sua tradução literal *curral das garças*. Outra acepção apresentada é “*armadilha para pegar garças*” ou também “*bacia onde as garças se reúnem*” (CARVALHO, 1999, p. 39, grifos nossos).

Partindo da análise lexical, Sampaio traduz *guará* (e também *guirá*) como “*a garça vermelha (ibris rubra)*” (SAMPAIO, 1901, p. 133, grifos nossos); *parí* como “*cerca feita de cannas para apanhar peixe, o coffo; curral de peixe*” (*Idem*, p. 152), já *parim* como variação de *apar-ĩ*, *encurvado* ou *coxo*, o que tem uma perna mais curta (*Idem*, p. 152).

Quando se encontra o termo *guarapari*, há duas possíveis origens: como correspondente a *guará-pari* – *cercado dos pássaros*; e como correspondente a “*guará-parĩ* ou *parim*, os *pássaros mancos*; Espírito Santo” (*Idem*, p. 134). Aqui, Sampaio deixa claro sua opção pela tradução *pássaro manco* em detrimento da escolha do prof. Carvalho.

Tibiriçá apresenta o termo *gyrá* com sua tradução *ave, pássaro* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 106); *guará* como *garça, colhereiro* (*Idem*, p. 103); *pari* como *barragem de madeira para a pesca, pesqueiro*; *parĩ* como *coxo, manco, torto* (*Idem*, p. 154); e finalmente *guarapari* como *mangue* (*Idem*, p. 103).

Em Masucci, havia apenas o termo *guirá* como correspondente a *ave, pássaro, passarinho* (MASUCCI, 1978, p. 27). Em Tastevin havia somente *wará* que tem como correspondente *ibris rubra, guará* (TASTEVIN, 1922, p. 749).

Da análise de dicionários, pode-se considerar que *Guarapari* tem origem etimológica em dois termos, *guará* que significa *garça*, em específico a *Ibris Rubra*, que podemos observar na imagem abaixo:



E de *pari*. Esse segundo termo é que temos de dar toda nossa atenção, pois se Carvalho traduziu *Guarapari* como *curreal das garças* e Tibiriçá como *mangue*, poder-se-ia entender o mangue de *Guarapari* como este *topos* ou como a motivação para este topônimo.

Entretanto, foi necessário observar as meticulosidades fonéticas do tupi, e não considerar apenas o que restou desta língua no português, mas todo o seu percurso. Dado isso, questiona-se: é possível que o nome original fosse *guaraparim* e não *pari* como é hoje? Se essa afirmativa fosse dada como verdadeira, teríamos um novo sentido para esse topônimo, podendo estar correta a tradução de Sampaio, como *pássaros mancos*, ou melhor *garça manca*.

Já havia sido colocado que o estudo da história dos municípios seria determinante para a tradução precisa dos topônimos. E estudar sobre a fundação de *Guarapari* é estudar sobre Anchieta. No livro *Padre José de Anchieta* de Gabriel Bittencourt, esse autor conta a trajetória do jesuíta pela capitania do Espírito Santo, diz que Anchieta fundou a vila de Santa Maria de Guaraparim e frisa seu significado original: *garça manca* (BITTENCOURT, 2005, p. 48).

Ainda hoje é possível se visitar a igreja Nossa Senhora da Conceição, que fica no morro próximo a Praia das Castanheiras em *Guarapari*, caminho dos Passos de Anchieta, e que foi moradia dos jesuítas nos tempo da capitania.



Nesta mesma igreja há um painel de Anchieta que descreve o plano de extensão final da igreja e revela o nome inicial deste município, para pôr fim ao debate que nos esforçamos até agora em alimentar:



O texto do painel é “ASSIM ERA A IGREJA RESIDÊNCIA DOS JESUÍTAS de Santa Maria de *Guaraparim*, pelo Apostolo do Brasil. Pe. José de Anchieta, 1585” (Grifo nosso). Se assumirmos este painel como verdadeiro, assim como a opinião de Gabriel Bittencourt, teremos *Guaraparim* como nome inicial do município de *Guarapari*, que sofreu uma variação pela fala ao ser integrado ao português oficial.



2.6. Ibatiba

Sobre esse topônimo temos a forma em Tupi que Carvalho propôs *Yba-tyba* que para ele significa “o frutal, o pomar, o sítio das frutas” (CARVALHO, 1999, p. 41). Como sua análise se resumiu a isso, tivemos que partir para o dicionário de Sampaio para entender melhor essa aglutinação.

Em *O Tupi na Geografia Nacional* (1901), o autor apresenta o étimo *Ib-á* como variação de *Ybá* “o que nasce da árvore, o fructo” (SAMPAIO, 1901, p. 135). Também encontra-se *Yvá* como correspondente de *ybá*, que quer dizer *fructo, fructas, a canoa, a flecha ou canna brava, a uva*, e seus variantes são *ibá, ubá, uvá* (*Idem*, p. 167). Sampaio ainda apresenta o termo *Yvatuba* que corresponde a *ybá-tyba*, que significa *pomar; flechal, ou cannavial bravo*; alteração de *ubatuba, batuva* (*Idem*, p. 167).

Em Tibiriçá encontra-se o item lexical *yba* que corresponde à *fruta* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 191), e o sufixo *tyba* que tem efeito abundancial (*Idem*, p. 184). Em Masucci, encontra-se o item *ibá* que corresponde a *fruto, árvore, planta, pé*; e *ibatira* como *pomar* (MASUCCI, 1978, p. 28). Em Tastevin, não foram encontrados esses termos em estudo.

Diante do exposto, foi possível considerar *Ibatiba*, conforme a proposta de Carvalho, como forma tupi *yba-tyba* e tradução *o frutal, o pomar*, visto que os dicionários mantêm uma mesma correspondência.

Vale ressaltar o papel do sufixo *tyba* como aglutinante necessário, e que nunca aparece sozinho em tupi.



2.7. Ibitirama

Carvalho traduz *Ibitirama* como *o monte alto, a montanha* e apresenta os itens lexicais aglutinantes *ybytyr-am* (CARVALHO, 1999, p. 43).

Na consulta ao dicionário de Teodoro Sampaio (1901) encontra-se a aglutinação *yby-tyra* como *a altura ou elevação da terra, o monte, o morro, a serra*. Alterações comuns são *ubutura, butura, botura, batura, ibitira* (SAMPAIO, 1901, p. 159).

Em Tibiriçá, encontra-se o nome *ybytyra* com seu significado sendo *monte, montanha, terreno acidentado* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194). Em Masucci, encontra-se *ibitira* traduzido como *serra, monte, colina* (MASUCCI, 1978, p. 28).

Dessa exposição ficou evidente a tradução de *ibitira* como *monte, montanha, serra*. Entretanto, o item lexical final do topônimo *Ibitirama*, que Carvalho secciona como *-am* não está explicado. Para tanto, voltamos a Teodoro Sampaio (1901) para aprender outra propriedade da língua tupi:

No tupi, os substantivos, os adjetivos e os verbos no infinito, os participios formam diversos tempos com o emprego dos sufixos *coéra* e *rama* (...). Ex. *pirá-coéra, o peixe que foi, extinto; pirá-rama, o peixe que há de ser* (SAMPAIO, 1901, p. 37, grifo nosso)

Dessa forma, o uso de *-coera* ou *-puera* aglutinado a algum nome, adjetivo ou verbo coloca-o no passado, no sentido de *extinção*. Da mesma forma, o uso de *-rama* coloca o item no futuro, no sentido de *ainda não é, ou o que será*. Considerando essa observação, pode-se entender que *ibitira + rama* significa *o que será monte, ou o que ainda não*

é monte. Assim, Carvalho chegou apenas na metade do sentido de Ibitirama, por não desvendar o sentido do sufixo *-rama*.



2.8. Iconha

Carvalho apresenta a aglutinação para esse topônimo como a união dos itens lexicais *y-côia* traduzindo-os como *rios unidos*, *rio duplo*, *serra ligada a outra* (CARVALHO, 1999, p. 44).

Em Sampaio, encontra-se apenas o item **y** no sentido de *a água, o líquido, o rio, a corrente* (SAMPAIO, 1901, p. 158). Em Tibiriçá, encontra-se o item *côia* como *gêmeo, duplo, unido* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 86). Em Masucci, encontra-se o item *conia* com tradução *gêmeo, gêmeos* (MASUCCI, 1978, p. 22).

Apesar dos resultados dos dicionários terem sido poucos, eram convergentes. De forma que validam a proposição de Carvalho que era a tradução para o topônimo *Iconha* como *rios unidos*, *rio duplo*, ou ainda *rios gêmeos*.



2.9. Itaguaçu

Carvalho divide esse topônimo entre os itens lexicais *ita-guaçu* traduzindo-os como *pedra grande, ou pedra furada que serve de âncora às embarcações* (CARVALHO, 1999, p. 45).

Sampaio traduz o item lexical *y-tá* como *o que é duro, a pedra, o penedo, o seixo, o metal em geral, o ferro*. Uma variação comum é *itá* (SAMPAIO, 1901, p. 131).

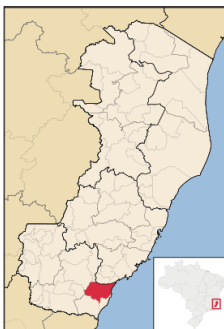
Tibiriçá explica o termo *itaguassu* como *pedra furada que serve de âncora às embarcações* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 110), tradução essa utilizada por Carvalho. Esse autor traduz *itá* como *pedra*, apenas (*Idem*, p. 110). Masucci apresenta o item lexical *itá* como *pedra, ferro, metal* (MASUCCI, 1978, p. 32).

Considerando que já foi exposto o sentido de *grande* para *guassu* se usado como adjetivo (Ver topônimos *Guaçuí* e *Ibiraçu*), e que o sentido de *itá* enquanto *pedra* também já foi excessivamente citado, concluiu-se que *itaguaçu* pode ser traduzido literalmente como *pedra grande*, como fez Carvalho.

Entretanto, é necessário considerar que certas aglutinações podem gerar novas chaves semânticas que são mais que a soma dos sentidos dos itens lexicais justapostos. Como ocorre em *Itapemirim*, os nomes podem ter um sentido global, que supera o sentido literal.

Dessa maneira, devia-se considerar o segundo sentido de *itaguaçu*, *pedra furada que serve de âncora às embarcações*, como uma tradução também possível e provável para esse topônimo, como afirma o próprio Emery de Carvalho.

2.10. Itapemirim



Sobre esse topônimo Carvalho apresenta os itens lexicais *ita-pe-mirim* e sua tradução como *a laje pequena, a lajinha*, e uma outra tradu-

ção possível seria *pequeno caminho de pedra*. Explicando mais os itens lexicais, Carvalho explica que *ita-peba* significa *a pedra rasteira, o penedo*, que *ita* significa *pedra*, que *pé* significa *caminho*, e que *mirim* significa *pequeno* (CARVALHO, 1999, p. 46).

No livro de Sampaio (1901), encontra-se o item lexical *itá* ou a aglutinação *y-tá* que pode significar *o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro*. Alteração de *ta* (SAMPAIO, 1901, p. 131). Encontra-se também *itapé* como a aglutinação *itá-apé* e no sentido de *caminho de pedra, a calçada*, como possível variação de *itá-peba*, ou ainda vir da aglutinação *y-t-apé* que significa *caminho dentro d'água, o vau, o passo* (*Idem*, p. 132). Sampaio tem uma sugestão para o significado de *Itapemirim*, segundo ele vem da aglutinação *itapé-mirim* no sentido de *a laje pequena, a lajinha*, e variação de *Itapeba* (*Idem*, p. 133).

Em Tibiriçá, encontra-se *itapeba* que na tradução proposta pelo autor significa *laje*. Para Tibiriçá, a palavra *itá* tinha significado *pedra* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 110-111).

Masucci traz para o item lexical *itá* o sentido de *pedra, ferro, metal* (MASUCCI, 1978, p. 32). Sobre o adjetivo *peba* explicou que o significado é *plano, chato* (*Idem*, p. 42). E que *mirim* significa *pequeno* (*Idem*, p. 36).

Parece, portanto, que Carvalho concorda com a opinião de Teodoro Sampaio, de que o sentido de *Itapemirim* pode ser *a laje pequena, a lajinha*. Entretanto, são muitas as possibilidades de tradução devido a esse topônimo aglutinar três itens lexicais, como ficou demonstrado nessa observação dos dicionários.



2.11. Itarana

Carvalho traduz, em seu livro, o topônimo *ita-rana* como “espécie de filito ou rocha fragmentária. Para alguns, pedra da onça” (CARVALHO, 1999, p. 48).

Em Sampaio, já foi visto que o item lexical *itá* ou a aglutinação *y-tá* que pode significar *o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro*. Alteração de *ta* (SAMPAIO, 1901, p. 131).

Tibiriçá diz que *itá* significa *pedra* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 110). *Rana*, para esse autor, é *parecido com, falso, pseudo* (*Idem*, p. 167). Masucci afirma que *itá* tem sentido de *pedra, ferro, metal* (MASUCCI, 1978, p. 32).

Se o topônimo *Ibitirama*, no qual a aglutinação *ibitira* + *rama*, tem-se o sentido *o que será monte*; para explicar o topônimo *itarana* é preciso dividi-lo entre os itens lexicais *itá* + *rana*, sendo o *rana* uma poderia ser uma variação fonética de *rama*, produzindo o sentido de *o que será pedra, ou o que ainda não é pedra*.

A outra hipótese era o sufixo *rana* como *parecido com, falso*. Considerando essa chave semântica, o topônimo *Itarana* significaria *parecido com pedra, pedra falsa*.

Dessa forma divergimos de Carvalho, entretanto já ficou comprovado que esse autor desconhecia a qualidade do sufixo *rama* para designar o futuro dos termos aos quais se aglutina e de *rana* enquanto *parecido com, falso*. Não é a toa que Carvalho disse que *itarana* significa apenas *pedra fragmentária*.



2.12. Iúna

Carvalho segmentou esse topônimo pelos itens lexicais *y-una* tra-

duzindo-o como *rio pardo*, *rio preto* (CARVALHO, 1999, p. 49).

Sampaio registra em seu dicionário que *una* significa os adjetivos *negro*, *preto*, *escuro*. Encontra-se alterações como *un*, *û*, *huna*, *mu* e *pixuma* (SAMPAIO, 1901, p. 156).

Tibiriçá apresenta os itens lexicais *uma*, *tuna* que significam *preto*, *escuro*, *negro* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 187). E Masucci apresenta *tunã* como *preto*, *negro* (MASUCCI, 1978, p. 51).

Dado esse levantamento e considerando o item lexical *y* como *rio*, como já foi apresentado em outros topônimos (Ver *Guaçuí*, *Iconha*, *Irupi*), devia-se concordar com a hipótese levantada por Carvalho de que os itens lexicais do tupi *y* + *una* compõem o topônimo aglutinante *Iuna*.

A tradução proposta por esse autor para *Iuna* como *rio pardo* ou *rio preto* estava de acordo com os critérios dessa pesquisa e coincidia entre os autores. Outro dado que depõe a favor de Carvalho é que a cidade de *Iuna* possui um rio chamado *Rio Pardo* e já se chamou distrito de São Pedro de Alcântara do *Rio Pardo* (CLAUDIO RODRIGUES, 2010, p. 142).



2.13. Maratáizes

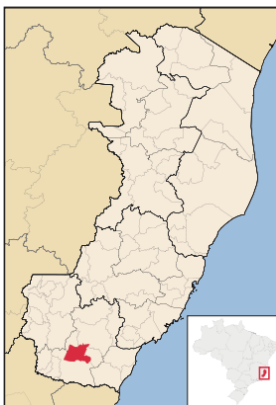
Carvalho propôs que o topônimo *Maratáizes* era composto pelos itens lexicais aglutinados *Mara-tahy* sendo sua tradução *canais do mar*. Tradução a qual *Mará*, *Mbra*, *Bará* também significam *mar*, e *tahy* significa *canal*, *braço de rio* (CARVALHO, 1999, p. 52).

Em Sampaio, encontra-se a palavra *marã* que significa *a guerra*, *a confusão*, *a desordem*, *a revolução*. Podendo ser uma alteração de *Mbará*, equivalente a *Pará* (SAMPAIO, 1901, p. 138). Da palavra *Mbará*,

Sampaio disse que é o mesmo que *Pará, o mar, o rio caudaloso*. Ocorrem alterações como *Mará, Bará, Pará*. Sobre *tahy*, Sampaio registra que é o mesmo que *tagy, braço ou galho de rio, furo, canal*. Há ainda *tagypuru* que significa *braço de rio que se agita ou rumoreja* (*Idem*, p. 151).

Tibiriçá explica que *pará* significa *mar, rio caudaloso*. *Mará* significa *guerra* e *marã* significa *mal* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 127). Masucci registra que *paraná* significa *rio, mar* (Masucci, 1978, p. 41). No trecho de dicionário tupi x português, *mar* registrou-se *paranam* ou *paraná* em tupi (*Idem*, p. 108).

Considerando os itens lexicais formadores de *Marataízes*, como propôs Carvalho, como sendo *Mará-tahy*, devia-se encontrar o sentido mais apropriado de *Mará*, visto o leque polissêmico dessa palavra, que tanto pode significar *guerra, mal*, quanto *mar, rio caudaloso*. O segundo item lexical, *tahy*, só foi encontrado em Sampaio, e seu sentido como *braço de rio, canal* condiz com a tradução elaborada por Carvalho. Foi possível, portanto, considerar a hipótese de tradução para o topônimo *Marataízes* como *canais do mar*. A única observação que resta ser feita é quanto ao plural de *tahy* em *Marataízes* que resulta da forma plural de português.



2.14. Muqui

Carvalho disse que o topônimo *muqui* é formado pela palavra *mbiqui* e seu sentido é *a ponta da lança*, “significa também *uropígio, o assento, ou traseiro*. *Mycui* é uma espécie de *carrapato*”, o *Ambliomma cajennense* (CARVALHO, 1999, p. 56, grifo nosso). Carvalho acrescenta que *Muqui* já se chamou São João do Lagarto, lugar onde morreram os

remanescentes dos índios puris, ou coroados.

Em Sampaio, encontra-se a palavra *miquí* que provém de *Mbí-quí* significando *ponta da lança*. Segundo o autor, pode significar também *uropígio, o assento, ou traseiro*. Podem-se encontrar variações como *myki, muquira, muqui* (SAMPAIO, 1987, p. 140).

Não foi encontrado nenhum registro de itens lexicais similares nos dicionários de Tibiriçá, Masucci e Tastevin.

Considerando a tradução proposta por Carvalho e a encontrada em Sampaio foi possível pensar que sua pesquisa restringiu-se somente a essa fonte. Como também não foram encontradas em outros autores traduções semelhantes, considera-se insatisfatório o resultado dessa pesquisa para o topônimo *Muqui*.



2.15. Piúma

Para esse topônimo, Carvalho apresenta a formação lexical *py-uma* com sua tradução sendo *a epiderme ou a casca anegrada, escura*. Segundo esse autor, é uma planta da família das mirtáceas cujo fruto é preto e redondo. Outra possível formação lexical é *ipiuma* que significa *água preta, água escura* que “é a coloração da água de seu rio” (CARVALHO, 1999, p. 59).

Em consulta ao dicionário de Sampaio, encontra-se para o topônimo *piuma* a formação lexical *py-uma* como *a epiderme, ou a casca anegrada, escura*. “É uma mirtácea de fruto preto, redondo.” Sampaio ainda se refere à Piúma, Espírito Santo, para evidenciar de que está falando exatamente desse topônimo (SAMPAIO, 1987, p. 157).

Consultando o dicionário de Tibiriçá, encontra-se o item lexical

ypé que significa *casca de árvore* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 195). E também *piúna* que significa *espécie de madeira*, com sua variação *ypeúna* (*Idem*, p. 160). Encontra-se ainda os itens lexicais *uma*, *tuna* que significa *preto*, *escuro*, *negro* (*Idem*, p. 187).

Em Masucci, encontra-se o item lexical *ipé* que significa *casca de árvore* (MASUCCI, 1978, p. 31). Na parte português-tupi de seu dicionário, em relação à palavra *preto*, Masucci registra os itens *uma*, *tuna*, *pitu-na*, *pixuna* (*Idem*, p. 117).

Dado esse levantamento, foi possível considerar a proposição de Carvalho para a tradução de *Piúma* válida em sua primeira opção: *epiderme escura ou casca anegrada*, pois essa se encontra em Sampaio (1987). Da mesma forma, Tibiriçá também apresentou um termo semelhante para *casca*, *ypé*, enquanto Masucci usou quase o mesmo item para designar *casca*, *ipé*, variando apenas a grafia de *y* para *i*. Todos os autores concordaram com o registro de *una / uma* para designar *preto*, *escura*, *anegrada*.



2.16. Reritiba

Reritiba foi o nome da aldeia indígena fundada pelo padre José de Anchieta entre 1565 e 1569, na vila que posteriormente foi chamado de São João de Benevente, e atualmente o município se chama Anchieta. Como essa aldeia foi a mais importante da capitania, foi considerado necessário que a incluísse na lista de topônimos pesquisados.

Sobre esse topônimo, Carvalho apresenta duas grafias semelhantes, a primeira *Reritiba*, ele explica que era o nome antigo de Anchieta e traduziu como *lugar das conchas* (CARVALHO, 1999, p. 18). O outro nome, que foi colocado em separado de *Reritiba*, é *Iriritiba*, que segundo

Carvalho vem da aglutinação *riri-tyba* que significa *o sítio das ostras, ostras em abundância, a ostreira* (*Idem*, p. 16).

Em Teodoro Sampaio, encontrou-se o item lexical *riri* que significa *a ostra*, e também o topônimo em questão *Rirityba* que veio da aglutinação *riri-tyba* significando *ostras em abundância, a ostreira*, e o autor registrou aqui a referência ao Espírito Santo (SAMPAIO, 1901, p. 148).

Em Tibiriçá, encontra-se o item lexical *iriri* como *variação de ostra*, o mesmo que *rerí* (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 110). Ainda encontra-se o item *rerí* como *ostra*, e a aglutinação *rerityba* como *ostreira, lugar de muitas ostras* (*Idem*, p. 167).

Em Masucci, encontra-se, apenas no trecho de dicionário português-tupi, a palavra *ostra*, com sua tradução *iriri* (MASUCCI, 1978, p. 112). Entretanto, no anexo de seu livro chamado *Nomes Topográficos* encontra-se o nome *Riritiba* que vinha da aglutinação *riri-tyba* e significa *ostreira, ostras em abundância* (*Idem*, p. 143).

Em Tastevin, encontra-se também o item lexical *iriri* para o significado *ostra* (TASTEVIN, 1922, p. 713).

Considerando a hipótese de tradução apresentada por Carvalho para *Reritiba* como *lugar das conchas*, e a proposta para *Iiritiba* (*reri-tyba*) como *sítio das ostras, ostras em abundância, a ostreira*, foi possível concluir que tanto *Reritiba* quanto *Iiritiba* tratam do mesmo nome e *topos*.

Dessa maneira, sua aglutinação encontrada entre as bibliografias foi *reri-tyba*, e sua tradução mais comum foi *ostras em abundância, a ostreira*, sendo também válida a terceira opção *lugar de muitas ostras*.

3. Considerações finais

Devido à extensão da pesquisa, não coube neste artigo todos os 22 topônimos identificados e analisados no trabalho de conclusão de curso deste autor. Os topônimos *Aracruz, Ecoporanga, Ibiracu, Jaguaré, Murcurici* e *Sooretama* não foram incluídos na análise deste trabalho e ficarão para uma próxima publicação desta pesquisa.

A escolha dos que entrariam ou sairiam foi por um critério regional: selecionamos os topônimos do centro-sul do Estado do Espírito Santo em detrimento dos topônimos do norte, que foi a região de ocupação

mais recente, principalmente do Rio Doce para cima.

O projeto Toponímia Capixaba traçava como suas metas de trabalho *identificar e traduzir um grupo especial de nomes tupis presentes no léxico do português capixaba, os topônimos*. A lista de topônimos trabalhada nesta pesquisa foi extensa e exaustiva, entretanto, é possível considerar que foi realizado com sucesso, mesmo que as traduções não sejam as mais adequadas (o que é possível). Ao menos, os nomes tupis que designam nossos municípios foram identificados.

São necessárias novas pesquisas para se debruçar sobre os topônimos e confirmar ou negar o que já foi concluído até aqui.

Da lista pesquisada e confirmada temos 22 topônimos de origem etimológica tupi, são eles, *Apiacá, Brejetuba, Cariacica, Ecoporanga, Guaçuí, Guarapari, Ibatiba, Ibraçu, Ibitirama, Iconha, Irupi, Itaguaçu, Itapemirim, Itarana, Iúna, Jaguaré, Marataízes, Mucurici, Muqui, Piúma, Reritiba (Anchieta) e Sooretama*.

Não se trata ainda, certamente, do *Atlas Toponímico do Espírito Santo (ATES)*, no máximo, talvez, seu anteprojeto. Um primeiro passo, no rastro de outros passos, que caminham no sentido da construção desse Projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dialetoлогия e Toponímia. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Org.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, v. 1, p. 129-146.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BITTENCOURT, Gabriel. *Padre José de Anchieta*. Vitória: Contexto, 2005.

CARVALHO, J. W. Emery de. *Topônimos e epônimos capixabas*. Vitória: Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo, 1999.

MASUCCI, Oberdan. *Dicionário tupi-português e vice-versa*. 2. ed. São Paulo: Brasiliavros, 1978.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo, a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1998. Dispo-

nível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/licoes/licao01.htm>>. Acesso em: 09 jun. 2011.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geographia nacional*. 5. ed. rev. e com. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

_____. *O tupi na geographia nacional*. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi>. Acesso em: 09-07-2011.

_____. *Atlas dos Estados Unidos do Brasil*. Bahia: Reis e Cia, lâmina nº 14, 1908.

TASTEVIN, Constantino. *Nomes de plantas e animaes em lingua tupy*. São Paulo: Revista do Museu Paulista, 1922.

TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. *Dicionário tupi-português: com esboço de gramática de tupi antigo*. 2. ed. Santos: Traço, 1984.